

Para defender a ciência, é necessário torná-la acessível, inteligível e significativa

| ¹ Kenneth Rochel de Camargo Jr. |

¹ Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro-RJ, Brasil (kenneth@uerj.br).
ORCID: 0000-0003-3606-5853

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312018280202>

Para Bachelard, toda ciência se origina num ato fundante, uma ruptura epistêmica com o senso comum (BACHELARD, 1967[1938]). A essa ideia, acrescentou Boaventura de Souza Santos a proposta de uma segunda ruptura, por meio da qual a nova ciência formaria um novo senso comum (SOUZA SANTOS, 1989). A explosão da internet desde fins do século passado, sobretudo com o advento de novas tecnologias de interação que permitiriam qualquer pessoa com acesso à rede expressar e comunicar suas ideias, além de interagir e debater com todos os demais, acenou com a possibilidade de concretizar essa perspectiva, um admirável mundo novo que se desdobrava em infinitas possibilidades.

Teria, contudo, a aposta otimista de Souza Santos se concretizado? Em que pese o desejo de responder positivamente a essa pergunta, há mais evidências do contrário. Em tempos de “pós-verdade”,¹ em que “bolhas” se formam nas diversas plataformas interativas, isolando os participantes de visões alternativas, a contribuição da ciência cada vez mais se perde em meio ao ruído de fundo das convicções estabelecidas.

¹ “Adjetivo: Relacionado a ou denotando circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência na conformação da opinião pública do que apelos à emoção e crença pessoal. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/post-truth>>. Acesso em: 28 abr 2018.

Bruno Latour já havia soado o alarme, ao perceber que a perspectiva crítica da ciência estava sendo cooptada por interesses políticos e econômicos diametralmente opostos àqueles que a desenvolveram, dizendo que “[...] o perigo não viria de uma excessiva confiança em argumentos ideológicos posando como matéria de fato [...] mas de uma excessiva *desconfiança* de boas matérias de fato disfarçadas como maus vieses ideológicos!”, completando: “Por que a minha língua queima para dizer que o aquecimento global é um fato, quer você goste ou não?” (LATOURE, 2004, p. 227).

Essa questão também foi explorada por McGarity e Wagner, em um livro dedicado especificamente à dissecação da distorção deliberada da ciência. Eles analisaram duas vias específicas de distorção: por um lado, criar falsas pesquisas para alcançar um resultado desejado: “[e]nquanto filósofos e sociólogos da ciência podem debater algumas das qualidades precisas que definem a ciência, todos concordam que pesquisa conduzida com um desfecho predeterminado não é ciência” (MCGARITY; WAGNER, 2008, p. 7). Por outro lado, a destabilização deliberada da ciência estabelecida, criando a aparência de uma controvérsia onde ela não existe, caracterizando o que Latour chamou de “manufactrovérsia” (uma contração de “controvérsia manufaturada”):

Desafios financiados e gerenciados por proponentes interessados [*advocates*] também não são dirigidos a facilitar a emergência de um consenso científico sobre uma verdade estabelecida. Ao contrário, eles pretendem prolongar a percepção de dissenso tanto dentro quanto fora da comunidade científica (MCGARITY; WAGNER, 2008, p. 135).

Como denunciam Collins e Evans em seu livro mais recente, a ciência está sob ataque em várias frentes:

Os ataques à ciência provêm de várias fontes. De fora, a ciência é assediada por análises pós-modernas que não veem nenhuma verdade, apenas “relatos”; é assediada por críticas ambientalistas que veem a ciência como instrumento de desastres ecológicos; e é assediada por regimes políticos que veem valor apenas em termos econômicos, ou, nos Estados Unidos, podem gerar capital político contrastando a ciência desfavoravelmente com a religião (COLLINS; EVANS, 2017, p. 17).

Esses mesmos autores consideram que a ciência também está sob ataque internamente, pela estratégia de determinados cientistas atrelarem sua defesa à produção de bens materiais e culturais, em aliança como o capitalismo, alertando que “[o] perigo é que em breve a ciência só vai ser valorizada pelo seu valor material e de entretenimento.” (COLLINS; EVANS, 2017, p. 18).

O ataque à credibilidade científica para avançar determinadas agendas não é um fato novo, em especial com relação à saúde pública. Essa foi (é?) a estratégia paradigmática da indústria do tabaco, por exemplo, por décadas (CAMARGO JR, 2012). Mais recentemente, a expansão do “mercado da saúde”, fronteira do imperialismo sanitário (CAMARGO JR, 2013), encontrou na internet um poderoso veículo publicitário, difundindo intervenções (preventivas ou terapêuticas) que variam do cômico ao horrorífico – como propostas de “tratamento” do autismo pela ingestão de um alvejante industrial (NISSE et al., 2010); do inútil ao perigoso, com legiões crescentes de adeptos cada vez mais hostis ao discurso científico – um exemplo particularmente preocupante é o do crescimento de movimentos anti-vacina em todo mundo, alavancados pelas redes sociais mediadas pela internet (CAMARGO; GRANT, 2015).

Adicionalmente, a descrença na ciência é particularmente danosa num momento como o que vivemos no Brasil – e em diversos outros países – no qual os recursos para a pesquisa e desenvolvimento tecnológico se tornam cada vez mais escassos pela miopia econômica das políticas de austeridade. A tentativa de buscar aliados em meio à população geral por meio de mobilizações públicas, como a “Marcha pela Ciência”, infelizmente não parece estar alcançando a repercussão que seria necessária.²

A desqualificação da ciência torna mais fácil estrangular seu financiamento, mas ambos movimentos são estuários de várias razões, que produzem essa lamentável situação. A partir daqui gostaríamos de focar num aspecto que nos parece estrategicamente relevante e, esperamos, solucionável: o relativo isolamento social do empreendimento científico, encarnado pela metáfora da “torre de marfim”.

Enquanto temos sido estimulados a publicar cada vez mais, o que inegavelmente tem aspectos positivos, tais estímulos têm produzido efeitos imprevisos – e indesejáveis. Por um lado, a ênfase na competição entre grupos e indivíduos leva à concentração de recursos, dificultando o estabelecimento de ações cooperativas e coordenadas, contra aspectos fundamentais do próprio *ethos* científico, tais como identificados no acrônimo clássico de Merton, CUDOS: comunalismo, universalismo, desinteresse, ceticismo organizado (MERTON, 1973). Vale lembrar que Collins e Evans, na obra

2 “Pesquisadores denunciam situação crítica em 2ª Marcha Pela Ciência no Brasil”. Disponível em: <<http://portal.sbpnet.org.br/noticias/pesquisadores-denunciam-situacao-critica-em-2a-marcha-pela-ciencia-no-brasil/>>. Acesso em: 29 abr 2018.

já citada, defendem a ideia de que o mérito e, portanto, o cerne da estratégia de defesa da ciência, está em seus valores compartilhados (incluindo os definidos por Merton), e não nos seus métodos ou resultados (COLLINS; EVANS, 2017).

Por outro lado, o incentivo à publicação enfatiza o diálogo de cientistas com seus pares, deixando a população em geral relegada, na melhor das hipóteses, a uma consideração menor e tardia. É inegável que a tarefa de disseminação da ciência enfrenta desafios peculiares no nosso país; como pensar em “*science literacy*” em um país que até hoje não deu conta adequadamente do acesso à educação básica de qualidade à sua população? De todo modo, a dificuldade não pode ser justificativa para inação.

Em conclusão, a deslegitimação da ciência tem permitido, por um lado, a subtração de recursos públicos indispensáveis para a pesquisa, atrelando-a cada vez mais a valores do “mercado”; por outro, a proliferação de concepções bizarras – “terra plana”, por exemplo – muitas das quais ameaças potenciais à saúde das populações. O enfrentamento desses problemas requer uma estratégia de formação de alianças internas à ciência, entre cientistas, e externas, com a população em geral, o que demanda um investimento considerável na tarefa de tradução entre a linguagem da ciência e a de uso comum, concretizando a proposta de Souza Santos. Isso significa, entre outras coisas, uma revisão da lógica “*publish or perish*” e um retorno aos valores centrais do empreendimento científico tais como definidos por Merton.

Referências

BACHELARD, G. *La formation de L'Esprit Scientifique*. Paris: Vrin, 1967.

CAMARGO JR, K. R. How to identify science being bent: The tobacco industry's fight to deny second-hand smoking health hazards as an example. *Social Science & Medicine*, v. 75, n. 7, p. 1230-1235, 2012.

CAMARGO JR, K. R. de. Medicalização, farmacologização e imperialismo sanitário/ Medicalization, pharmaceuticalization, and health imperialism. *Cadernos de saude publica*, v. 29, n. 5, p. 844-846, 2013.

CAMARGO JR, K.; GRANT, R. Public health, science, and policy debate: being right is not enough. *American Journal of Public Health*, v. 105, n. 2, p. 232–235. doi: 10.2105/AJPH.2014.302241, 2015.

COLLINS, H.; EVANS, R. *Why democracies need science*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2017.

LATOUR, B. Why has critique run out of steam? From matters of fact to matters of concern. *Critical inquiry*, v. 30, n. 2, p. 225–248, 2004.

MCGARITY, T. O.; WAGNER, W. E. *Bending science: How special interests corrupt public health research*. Cambridge (Mass): Harvard University Press, 2008.

MERTON, R. K. The Normative Structure of Science. In: _____. *The sociology of science: Theoretical and empirical investigations*. Chicago: University of Chicago press, 1973.

NISSE, P.; GUYODO, G.; MANEL, J. Evaluation des risques liés à la consommation de produit dénommé “Solution Minérale Miracle” (MMS). Paris: Association Française des Centres Antipoison et de Toxicovigilance. Disponível em: <http://www.centres-antipoison.net/CCTV/Rapport_CCTV_Solution_minerale_miracle_2010.pdf>. Acesso em: 3 jun 2017, from, 2010.

SOUSA SANTOS, B. de. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Edições Afrontamento, 1989.

